



ORIGEM DO ESPÍRITO HUMANO

Marcos Paulo de Castro

RESUMO

O caráter humano foi adquirido durante a evolução da mulher. Há mais de 50 mil anos, quando nossas antepassadas, portadoras de mãos e pés articulados desceram das árvores, assumiram a postura ereta e o bipedalismo, iniciou-se o processo evolucionário que nos conferiu aquilo que se chama de espírito humano. Com a evolução da espécie houve progressiva diminuição adaptativa do diâmetro pélvico feminino. Isso provocou estreitamento do canal do parto e encurtamento seletivo do período gestacional para poder, a cada período, acomodar o delivramento do crescente crânio ósseo que abriga nosso complexo cérebro. O recém nascido de nossa espécie passou a finalizar seu desenvolvimento neuro-sensorial fora do útero materno, em situação de completa dependência da mãe. Foi esse íntimo contacto extra-umbilical que definiu o caráter humano que nos caracteriza e diferencia.

Palavras-chave: Caráter. Corpo. Espírito.

1. Espírito humano e domínio da razão

Sempre houve e há agora uma grande pergunta sem a devida exata resposta: de onde provém o espírito humano? Para que este ensaio seja condizente com este congresso de estudiosos da psicologia, examinaremos em primeiro lugar a sempre alegada distinção entre o ser humano e o animal. Repete-se, a todo instante, que o ser humano seria aquele dotado de racionalidade e os não humanos seriam aqueles outros que não detivessem o domínio da razão. Essa alegação, desafortunadamente, não resiste a uma análise lógica, mesmo que superficial.

Vários comportamentos humanos, até mesmo corriqueiros, não podem ser considerados como puramente racionais. E, contudo, são humanos. Entre eles, por exemplo, os chamados 7 pecados – preguiça, avareza, gula, inveja, luxúria, ira, soberba. Qual deles pode ser filiado incondicionalmente à dita racionalidade? Na verdade, quase todos podem ser considerados como a expressão da perda total ou parcial da razão. E, mais ainda, se os pecados são assim, o quê dizer das virtudes humanas? A estrutura da personalidade alberga, entre outros elementos psicológicos, um conjunto de comportamentos



que tornam o indivíduo distinto entre seus pares, mais íntegro, melhor. Uma virtude representa retidão de conduta, probidade, excelência moral. As pessoas costumam ser avaliadas pela riqueza de suas virtudes. Vamos discutir algumas delas, à luz da racionalidade:

- Benevolência - É uma qualidade de caráter que dispõe o indivíduo a praticar o bem e aceitar os insultos (físicos ou morais) de maneira pacífica, sem reagir.
- Generosidade - Significa desprendimento, liberalidade, altruísmo. Pode incluir o “tirar de si para dar aos outros”.
- Humildade - Significa modéstia, compostura, ausência de vaidade. Inclui a possibilidade de autodiminuição do seu próprio valor quando cotejado com o de outros indivíduos.
- Longanimidade - Grandeza de alma - significa complacência, indulgência, benignidade. Engloba a possibilidade de não competir pela posse ou domínio de algo que, no entanto, é alvo de desejo.
- Misericórdia - Carrega em si os inteiros conteúdos da tolerância e da compaixão. Significa praticar o bem sem a necessária reciprocidade.
- Honestidade - É a determinação de atuar com retidão de caráter, respeitar o bem alheio ou público. Não me contenho em dizer que, infelizmente, é aquilo que mais falta a nossos políticos em geral.

Todas essas são características desejáveis em quaisquer indivíduos. Em seu conjunto, fazem parte de uma planilha que serve para avaliar a qualidade moral da pessoa. Mas não são elementos estritamente racionais. O comportamento racional não dá guarida a emoções e sentimentos mesmo que sejam nobres como os de generosidade, longanimidade, misericórdia. Na contingência de nosso destino genético atual, a racionalidade se esgota nas funções de sobrevivência e reprodução. Na verdade, o comportamento racional não comporta aquilo que costumamos chamar de sentimentos. O comportamento racional é o da lógica pragmática.

Destarte, o que chamamos de condição humana ou espírito humano é algo mais que o racionalismo. É uma estância superior do psiquismo que transcende a condição animal racional apenas e que tem origem em alguma



coisa diferente do mero domínio da razão. E, nem de longe, o espírito humano, em sua totalidade, se confunde com a inteligência. Há uma gama de animais não humanos que demonstram graus elevados de comportamento inteligente, discernimento e criatividade.

É por esses motivos que, ao nos referirmos ao espírito humano, estamos falando de algo muitíssimo peculiar, próprio e característico dos indivíduos que compõem a espécie *Homo sapiens sapiens*. Os indivíduos dotados do espírito humano são aqueles que não dependem inteiramente de seus instintos. São aquelas criaturas que atingiram um tal desenvolvimento físico corporal que lhes permitisse viver acima dos instintos. São os indivíduos que atingiram um desenvolvimento neurocerebral com uma complexidade de tal magnitude que lhes conferiu a capacidade de reter os instintos e eventualmente dominá-los, albergar a inteligência e a razão, contar com a possibilidade de pensar e planejar, a condição de construir e destruir tendo absoluta consciência do que estão fazendo. São os que detêm a capacidade de fantasiar situações, criar religiões ou filosofias, desenvolver ciências, propor teorias, mentir e descobrir verdades e distinguir entre o passado, o presente e o futuro. São, em última análise, os indivíduos que têm inteligência e razão, virtudes e defeitos desconectados das reações puramente instintivas.

2. Origem do espírito humano

As principais hipóteses a serem aqui analisadas são a Origem Divina e a Origem Evolucionária

Origem Divina

Todas as religiões se preocupam com a origem do espírito humano. A Bíblia apresenta o ser humano como uma unidade de corpo e alma (Mateus 10:28). Alma, neste contexto, indica aquilo que podemos também nomear de espírito humano. Mas, se quanto ao corpo não há dúvida de sua origem, qual seria a do espírito?

Há duas teorias importantes quanto à origem divina do espírito humano: o traducionismo e o criacionismo.



- **O traducionismo** propõe que o espírito humano (assim como o corpo) provém dos pais, através da procriação. Entidades distintas, mas unidas pela ação divina, corpo e espírito são, dessa maneira, heranças dos pais e, assim, dos ancestrais. Por este princípio, o espírito pré-existe em relação ao corpo e pode existir depois da morte. As religiões romanas pré-cristianismo adotavam este princípio (Gens). O Hinduísmo e o Budismo adotam variáveis do traducionismo.
- **O criacionismo** é mais complexo e aquele é aceito pela Igreja Católica. Para este princípio, cada um dos espíritos humanos é criado por Deus *ex nihilo*, ou seja, a partir do nada, antes de ser unido ao corpo. Dentro desta perspectiva, a alma, ou seja, o espírito do ser humano é puro, inocente, imaculado quando de sua criação, sendo corrompido durante o processo da concepção.

A origem divina do espírito humano não comporta análise à luz da ciência, dentro de parâmetros epistemológicos. É uma questão de foro íntimo, de crença. Não faz mal, no entanto, mesmo para aqueles que têm uma crença absoluta e profundamente arraigada, conhecer as posições da análise bio-antropológica quanto a essa origem.

Origem Evolucionária

O homem é descendente dos grandes primatas que se diferenciaram na escala zoológica ao longo dos milênios. Entre os primatas evoluídos, destaque é o *Homo erectus* que por suas muitas características, qualifica-se como o ancestral mais próximo do *Homo sapiens* e do *Homo sapiens sapiens*, ou seja, do próprio *Ser humano*.

Ancestrais - É possível e provável que uma das mais antigas espécies do *Homo sapiens*, o homem de Neanderthal, já exibisse traços do espírito humano. Mas, quais seriam as particularidades físicas e constitucionais desses ancestrais que lhes permitiram desenvolver características intelectuais e psicológicas tão complexas como as que fazem parte do que chamamos espírito humano? Quais de nossos ancestrais reuniram condições de possuir defeitos morais e virtudes tão características da humanidade?



A primeira dessas características que propiciaram o desenvolvimento da condição humana foi o bipedalismo. Ainda que alguns dos primatas pré-hominídeos, que existiram no princípio da evolução, como os do gênero *Australopitecos*, tivessem uma locomoção parcialmente suportada por apenas dois membros, foi apenas com o *Homo erectus* que o bipedalismo ganhou sua importância máxima.

Os indivíduos do gênero *Australopitecos* (anterior ao gênero *Homo*) não produziram armas, ferramentas ou outros utensílios, mas não há dúvida que eles pensavam de maneira lógica e que se utilizaram de vários meios e maneiras, criados para sua sustentabilidade e defesa. Na evolução natural, aos *Asutralopitecos* sucedeu a espécie do *Homo habilis*. Esse importantíssimo ancestral da humanidade, capaz de fabricar com impressionante destreza ferramentas e armas, e – como seu nome diz – portador de grande habilidade manual, poderia ser considerado apenas um animal?

É evidente que, para criar instrumentos para sua defesa e sobrevivência, esses indivíduos tinham que pensar. E ao admitir que eles retinham a capacidade de pensar, temos que admitir também que já não eram apenas animais selvagens, totalmente irracionais. O *Homo habilis* pensava, fabricava artefatos e andava predominantemente sobre dois pés. Seguramente aproximava-se, na escala evolucionária, do homem atual. Mas, não há qualquer evidência arqueo-antropológica de que reunisse características humanas, com as virtudes e os vícios de conduta próprios do homem.

Inteligência e racionalidade - Foi com o advento do *Homo erectus*, indivíduos que adotaram o bipedalismo de maneira definitiva, que se conseguiu encontrar os primeiros sinais de que o cérebro dessa espécie albergava certas características que evoluiriam para o que consideramos a condição humana. Com a capacidade de andar em pé, esse ancestral do homem, passou a divisar formas ao longe e assim desenvolveu sua visão. Com os membros superiores livres, aprimorou suas habilidades manuais, estimulou sua criatividade e exigiu mais de seu cérebro. Com o crescimento do cérebro passou a pensar mais e melhor – afinal, tornou-se mais inteligente e mais racional.



O passo evolucionário seguinte foi o aparecimento do *Homo sapiens*. Como o nome indica, esse foi o primeiro grupo de indivíduos predominantemente inteligentes. Seu cérebro era muito maior que o de seus ancestrais, suas capacidades intelectuais muito superiores. A evolução do *Homo sapiens* foi tal e tamanha que a esses indivíduos pode-se aplicar o conceito de pessoas. O termo pessoa não se aplica aos animais irracionais e tampouco aos membros das espécies anteriores à desse nosso ancestral.

O tempo de duração da gestação - Com o ininterrupto desenvolvimento cerebral, a caixa craniana do homem passou a ser mais volumosa e abriu-se um descompasso entre o volume craniano e o chamado “canal do parto”. Os fetos que atingiam seu pleno desenvolvimento intra-útero passaram a ter dificuldades para o nascimento pelo parto natural. O tamanho da cabeça fetal, ao fim da gravidez, foi se tornando incompatível com o tamanho do quadril materno. À medida que os ossos do quadril se adaptaram à marcha em posição ereta, sobre dois pés, houve uma progressiva aproximação anatômica dos membros inferiores, com diminuição da amplitude do quadril. Estreitou-se o canal do parto natural. Tornou-se imperativo que o diâmetro encefálico, no momento do parto, fosse menor.

Aqui entra em jogo um elemento especulativo. Quanto tempo duraria a gestação dessas pessoas, desses nossos longínquos ancestrais? Tudo indica que era uma gestação prolongada, com duração superior a um ano. De fato, entre os primatas, a duração da gravidez é tanto maior quanto o grau de desenvolvimento da espécie na escala evolucionária. Os macacos menores têm uma gestação de aproximadamente 160 dias, os chimpanzés de 230 e os humanos atuais de 267 dias. Mas, quando comparamos o tempo gestacional e o grau de desenvolvimento das espécies, podemos considerar que o tempo de duração da gravidez dos hominídeos já foi muito maior do que é hoje. Conclui-se que, para acomodar essas características evolucionárias – andar ereto sobre dois pés e ter um cérebro superior e, portanto, maior – foi necessário que os eventos adaptativos promovessem a interrupção da gestação humana antes do pleno desenvolvimento crânio-encefálico.



É sempre bom que nos recordemos que o processo evolucionário, tal como descrito por Charles Darwin, envolve dois fenômenos básicos: seleção e adaptação. A evolução seleciona os indivíduos que se adaptam à circunstâncias e promove a readaptação dos que foram selecionados. Foi dessa maneira que foram selecionadas as mulheres que tinham suas gestações interrompidas antes da plena maturidade fetal e, por outro lado, foram adaptados e readaptados seus comportamentos para criar os filhos nascidos nessas condições.

Desenvolvimento após o nascimento - É interessante observar o comportamento de alguns animais quando recém nascidos. Vejamos os animais domesticados como cães e gatos. Imediatamente após seu nascimento esses filhotes já conseguem colocar-se em pé e andar, ainda que tropeçamente no início. Já sabem o que fazer para sobreviver e ativamente procuram alimento no seio materno. Abrem os olhos e localizam-se em seu ambiente, reconhecem a mãe que lhes dará abrigo, proteção e alimento. Do ponto de vista neurocerebral esses animaizinhos estão maduros. De sua mãe, a partir de então, receberão aquilo que se pode chamar de educação. Terminado esse período de aprendizado, estarão por sua conta e risco. Dependem de seus instintos e do que aprenderam. Não há vínculo materno a preservar. E nem vínculo fraternal ou familiar.

Esse tipo de comportamento é encontrado também em outros animais, sejam mamíferos ou muitos tipos de aves e répteis. Em animais inferiores na escala zoológica, o comportamento é ainda mais instintivo apenas, não se estabelecendo qualquer vínculo em nenhum momento. Os únicos que se diferenciam, ligeiramente, são os marsupiais que acomodam suas crias em bolsas fâneras extra-abdominais, por certo tempo.

Com as pessoas humanas é diferente. Com o tempo médio de gestação encurtado para cerca de 40 semanas, o recém nascido humano é neurologicamente imaturo. Até mesmo sua caixa craniana é incompleta, apresentando ao nascer aquelas fendas inter-ósseas a que popularmente chamamos de “moleiras”. O neonato da mulher depende inteiramente dela. Não se localiza em seu ambiente, não reconhece o circunstancial. Não tem



coordenação para mover-se com independência, não pode manter-se em pé. Precisa ser ativamente alimentado, protegido, aquecido, albergado nos braços e colo da mãe.

A família – É assim que o ser humano completa sua diferenciação neuro-cerebral em um meio socializado e não no isolamento quase total do meio intra-uterino. O vertiginoso amadurecimento do cérebro do infante humano é influenciado, de maneira direta e imediata, pelo que ocorre ao seu redor. Ainda que, quando no útero, não haja dúvida que o feto recebe da mãe mais que apenas sangue pelo cordão umbilical, nada se compara ao que ocorre nos primeiros estágios da infância. Todas as emoções da mãe (e do grupo familiar próximo) são refletidas pela criança. O que chamamos de defeitos ou pecados, o que chamamos de virtudes ou qualidades, tudo isso impressiona de maneira indelével o cérebro infantil. O amadurecimento cerebral nessa fase da vida é sutil, mas vigoroso.

Nos primeiros dias de vida a criança chora como uma reação instintiva quando tem fome. Sendo atendida pela mãe, ela se recompensa com o leite que lhe é oferecido. Em breve ela adiciona a seu repertório de reações instintivas um dos mais primitivos comportamentos do espírito humano - a malícia - com suas variáveis de solércia e astúcia. E em seguida a dissimulação e depois, um a um, os ditos pecados. Vêm a ira, a gula e até mesmo a luxúria que se observa facilmente quando há o íntimo contato do seu corpo com o corpo materno durante o aleitamento. Sigmund Freud estudou atentamente esse comportamento e o tornou matriz de sua teoria e prática psicanalítica.

3. O evolver do espírito humano

Os pecados são os primeiros a serem incorporados ao espírito humano. As virtudes vêm depois. Desde que a dominância atávica é a do instinto, as reações pecaminosas são as mais próximas das funções genéticas de sobrevivência que presidem o comportamento humano. Já o comportamento virtuoso esse tem que ser aprendido, adquirido ao longo da vida.



As propriedades do espírito humano não são obtidas exclusivamente do contacto com a mãe. São o fruto do convívio com outros familiares, principalmente com as avós. A família original biológica, composta da mãe e filhos, como nos primórdios da evolução, foi ininterruptamente assediada pelos homens. Compelido a dar vazão a sua necessidade genética de procriar e perpetuar seus gens, o homem desde sempre procurou afastar a mulher de seus filhos e da amamentação para poder procriar outra vez com ela. As avós cumpriram, assim, um papel importantíssimo no desenvolvimento do espírito humano – assumiram, por milênios, essa tarefa de educar os netos e inculcá-los os princípios virtuosos e viciosos que se agregam aos instintos naturais para compor o caráter humano.

O papel do homem em relação ao desenvolvimento do espírito humano é mais complexo e deve ser analisado em um estudo separado. Mas, quanto à origem, não há como negar que é feminina. Isso mesmo – o espírito humano tem origem feminina e evolucionária. Com o tempo, o homem introduziu a chamada família social, composta de pai, mãe e filhos. Foi um grande avanço no desenvolvimento do espírito humano. Com o advento da família social, as mães puderam dedicar-se mais a seus filhos, estando livres do assédio reprodutivo de outros homens.

Com o advento da família social, a procriação passou a ser exercida mais tarde, quando a mulher já se encontra mais amadurecida física e mentalmente. A presença mais constante do homem (pai) tornou a família original mais complexa e de certa maneira “aposentou parcialmente” aquele papel evolucionário tão importante que durante tantos milênios foi desempenhado pela avó.

Feminino e masculino, qualidade e quantidade - A contribuição feminina à origem e evolução do espírito humano, sempre teve uma característica qualitativa. A contribuição masculina foi e continua sendo eminentemente quantitativa. Ao caráter masculino devem-se as características típicas de competitividade, agressividade e de dominância. O homem sojiga-se ao mais a ao muito. A mulher ao bom e ao melhor. O homem é mais intenso a mulher é mais densa.



CASTRO, Marcos Paulo. Origem do espírito humano. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

E são essas características próprias de cada sexo, dependentes das predominâncias hormonais femininas e masculinas, que invadem essa entidade a que chamamos de espírito humano e a modificam criando um amálgama de instintos, vícios e virtudes que não conhece paralelo no mundo animal.

.....

REFERENCIAS

Este ensaio é propositivo e não contém referências bibliográficas.

.....

AUTOR

Marcos Paulo de Castro/SP - Formado pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Paraná em 1967, concluiu o Mestrado e o Doutorado em Medicina na Universidade de São Paulo – USP e na *Johns Hopkins University* nos USA. Especialista em Obstetrícia e Ginecologia e Andrologia, foi Professor Assistente Doutor da FMUSP, *Charter Member* da *American Society of Andrology*, *Executive Council Member* da *International Society of Andrology*, Presidente da Associação Brasileira de Planejamento Familiar, Diretor do Instituto ProPater. Palestrante internacional, apresentou-se em 29 países de 4 continentes. Publicou 8 livros técnicos para médicos e seu último livro, sobre longevidade e envelhecimento saudável, é destinado ao público em geral.

E-mail: dr.marcospaulo@marcospcastro.com